

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 1 Janeiro – Abril 2022
Edição Especial: Arqueologia em Quarentena

NOTA DE PESQUISA

UM ITINERÁRIO DE IMUNIZAÇÃO: NOTAS SOBRE O CAMPO ARQUEOLÓGICO NO QUILOMBO BARRO PRETO

Gustavo Santos Silva Junior*

RESUMO

Esta nota de pesquisa sobre a dissertação nomeada “Arqueologia e Direito Territorial: Um estudo no Quilombo Barro Preto, Jequié, Bahia”, ainda em construção, versa sobre estratégias metodológicas adotadas a partir do reconhecimento da hecatombe viral como agente de intervenção no fazer arqueológico e da atualização do fazer arqueológico a partir do Decreto Legislativo nº 6 de 2020 e do Decreto Estadual nº 19.529 de 2020. Para tanto, compreende-se a saúde não como objeto, mas como caminho estrutural para pensar e interagir com o campo em comunidades tradicionais.

Palavras-chave: hecatombe viral; trabalho arqueológico; quilombo urbano.

*Mestrando no Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - PPGap/UFRB. Apoio financeiro Capes. E-mail: gustavossjr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9811-9189>.

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v35i1.962>

AN IMMUNIZATION ITINERARY: NOTES ON THE ARCHAEOLOGICAL FIELD AT QUILOMBO BARRO PRETO

ABSTRACT

This research note on the dissertation still under construction called "Archaeology and Territorial Law: A study in Quilombo Barro Preto, Jequié, Bahia", deals with the methodological strategies adopted from the recognition of the viral hecatomb as an agent of intervention in archaeological work and the updating of archaeological work from the Legislative Decree No. 6 of 2020 and the State Decree No. 19.529 of 2020. To this end, it understands health not as an object, but as a structural way of thinking and interacting with the field in traditional communities.

Keywords: viral hecatomb; archaeological work; urban quilombo.

UN ITINERARIO DE INMUNIZACIÓN: NOTAS SOBRE EL CAMPO ARQUEOLÓGICO DE QUILOMBO BARRO PRETO

RESUMEN

Esta nota de investigación sobre la disertación aún en construcción llamada "Arqueología y Derecho de la Tierra: Un estudio en Quilombo Barro Preto, Jequié, Bahía", aborda las estrategias metodológicas adoptadas a partir del reconocimiento de la hecatombe viral como agente de intervención en el trabajo arqueológico y la actualización del trabajo arqueológico a partir del Decreto Legislativo nº 6 de 2020 y el Decreto Estatal nº 19.529 de 2020. Para ello, entiende la salud no como un objeto, sino como una forma estructural de pensar e interactuar con el campo en las comunidades tradicionales.

Palabras clave: hecatombe viral; trabajo arqueológico; quilombo urbano.

A dissertação ainda em construção, nomeada “Arqueologia e Direito Territorial: Um estudo no Quilombo Barro Preto, Jequié, Bahia”, sob orientação do Professor Carlos Etchevarne e com financiamento CAPES, analisa o processo de formação territorial quilombola no pós-abolição a partir da interface entre arqueologia, etnografia e estudos jurídicos. Com a publicação do Decreto Legislativo nº 6, de 20/03/2020¹ que reconheceu no âmbito federal o estado de calamidade pública - e do Decreto Estadual nº 19.529, de 16/03/2020², que restringiu viagens intermunicipais na Bahia como uma das medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus -, percebi que não poderia ir até o sítio da pesquisa arqueológica e era preciso elaborar um plano de trabalho (PEIRANO, 1992) considerando a hecatombe viral como agente de intervenção no fazer arqueológico.

O contato com um grupo de amigos por meio do aplicativo de mensagens Whatsapp, buscando indicações de moradores do Barro Preto para realização de entrevistas remotas, foi uma das primeiras alternativas considerada. Dentre os nomes indicados, destacou-se o da pesquisadora Adriana Sampaio, responsável por realizar um estudo etnográfico no Quilombo no ano de 2017. Adriana (2017) me apresentou a uma rede de interlocutores (FERREIRA, 2008) que auxiliaram seu acesso ao Quilombo, e que se tornou fundamental para essa pesquisa a partir da coleta de dados no modelo virtual (NOVAES, 2020).

Um ano após o início da pandemia, viajei para cidade de Jequié (ARAÚJO, 1997) e me contaminei com o vírus da covid-19. O contágio me levou ao isolamento com sintomas moderados e despertou reflexões quanto a minha presença entre os quilombolas e a questão da saúde para a pesquisa, entendendo-a não como objeto, mas como caminho estrutural para pensar e interagir com o campo. Superado período de transmissibilidade, fui ao encontro de Taís Barreto, bióloga e agente comunitária de saúde responsável por acompanhar presencialmente parte das famílias do Quilombo (O'DWYER, 2002; DOS ANJOS, 2008; SYMANSKI, 2014; OLIVEIRA, 2019).

Não por acaso, o campo se iniciou na Unidade de Saúde da Família D'Odorico Motta (PROFORMAR, 2005), epicentro de deslocamento e de extensão da rede de interlocutores. Visitamos famílias de antigos moradores e, com a autorização de Taís, já vacinada, respeitamos os protocolos para que roteiros de entrevistas (GIL, 2008) previamente elaborados fossem aplicados. O método etnográfico (ARAÚJO, 2001) escolhido também fomentou a elaboração de um guia de visita ao bairro para observação de aspectos territoriais (BRASIL, 2014) e urbanísticos, tais como arruamento (RAFFESTIN, 1993), tipologia edilícia, técnicas de construção, locais monumentais cívicos ou religiosos, entradas e saídas ao bairro, limites intra e extra urbanos (FOSBERG, 1985; SCHIFFER, 1990; ARAÚJO, 2012; CRIADO BOADO, 2012; LINO, 2019), áreas verdes, entre outros.

Por essa razão, torna-se essencial conhecer profundamente o bairro quilombola (FERNANDES, 2017; SAMPAIO, 2017) para, após coletar referências documentais escritas, orais e iconográficas, saber localizá-las com precisão. Mariza Peirano (1992, p. 8) aponta que o “lugar da pesquisa de campo no fazer da arqueologia não se limita a uma técnica de coleta de dados”, pois técnica e teoria não devem ser desatreladas, assim como arqueologia e a pesquisa etnográfica se formulam na sofisticação do fazer arqueológico em tempo de hecatombe.

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm. Acessado em 28/05/2021.

² Disponível em: <http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-19529-de-16-de-marco-de-2020>. Acessado em 28/05/2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, James Amorim. Sobre a cidade e o urbano em Henri Léfèbvre. *Espaço e Tempo*. São Paulo, N°31, pp. 133 - 142, 2012.
- ARAÚJO, Emerson Pinto de. *A nova história de Jequié*. Salvador. GSH Editora, 1997.
- ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arqueologia), MAE/USP, São Paulo, 2001.
- BRASIL, Luciano de Faria. Por um Direito do Ordenamento Territorial: Elementos Preliminares para um Modelo Integrado de Direito Urbano-Ambiental. *Revista Magister de Direito Ambiental e Urbanístico*. N° 52, Fev-Mar, 2014.
- CRIADO BOADO, Felipe. *Arqueológicas. La razón perdida*. Barcelona: Bellaterra, 2012.
- DOS ANJOS, José Carlos. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 77-96, JAN./JUN. 2008.
- FERNANDES, Viviane Barboza. *O quilombo e a escola de Barro Preto, em Jequié, Bahia: vicissitudes e sentidos de identidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- FERREIRA, Lucio Menezes. Sob fogo cruzado: Arqueologia comunitária e patrimônio cultural. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, no 3, p. 81-92, 2008.
- FORSBERG, Lars L. *Site variability and settlement patterns*. Tese (Doutorado), Umea, University of Umea, 1985.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.
- LINO, Jaisson Teixeira. MATIAS, Everson Semler. ARAÚJO, Fábio. Casas de turma da ferrovia do Contestado, Santa Catarina: Um olhar arqueológico. *Revista Arqueologia Pública*: Campinas, SP v.13 n.2 p.79, Campinas, 2019.
- NOVAES, Luciana de Castro Nunes. Entre a autoridade da escrita e a cosmopolítica: Organizando dados em tempos predatórios In: *Etnografando na pandemia*. 1. ed. Padova: Coop. Libreria Editrice Università di Padova, p. 171-186, 2020.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- OLIVEIRA, Regina Marques de Souza (Org.). *Pedagogias e Tecnologias em Quilombos: Conquistas e Novos Desafios*. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas, 2019.
- PEIRANO, Mariza, G. S. *A favor da etnografia*. Brasília, Série Antropologia, 1992.
- PROFORMAR, Programa de Formação. Capacitação dos Profissionais de Agentes de Saúde no Município de Jequié. NAD/Jequié, 2005.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SAMPAIO, Adriana Cardoso. *Mulheres Griôs: Um estudo etnográfico sobre identidades étnicas e de gênero no Quilombo Urbano Barro Preto em Jequé-Ba*. Dissertação (Mestrado) Pós-graduação em

Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Jequié, 2017.

SCHIFFER, Michael B. Contexto arqueológico y contexto sistémico. *Boletim de antropologia americana*. Portugal, 1990.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. “Arqueologia – antropologia ou história? Origens e tendências de um debate epistemológico”. *Tessituras*, v. 2, n. 1, p. 10-39, jan./jun. 2014.